

Mt 18,21-35 (saber perdoar)

Uma das características que distingue a tradição religiosa judaico-cristã está no fato de que Deus entra na história humana, se envolve em seus acontecimentos, se alegra com suas vitórias e se entristece com suas tragédias. Não é um Deus longínquo, apático, imperturbável em sua transcendência, a quem os seres humanos dedicam culto e adoração. Quando os cristãos confessam que *Deus é amor* não se trata de um enunciado geral, piedoso, consolador, mas do que eles concluíram depois da longa experiência com um Deus detentor de um projeto histórico bem concreto para toda a humanidade.

Este projeto que buscava levar vida e felicidade para todos os seres humanos vai se delineando na história de Israel como um projeto de libertação, de paz, de justiça, de convivência humana marcada pelo amor fraterno. Embora sempre imperfeitamente realizado neste mundo, devido às limitações humanas e às tentações egoístas que impedem sua plena realização, ele alcançará enfim sua perfeição na vida eterna em Deus. Toda a vida de Jesus Cristo se desenrolou em função deste projeto que ele chamava de *Reino de Deus*. Toda a sua pregação visava a possibilitar uma convivência humana feliz baseada na paz e na justiça, como aparece claramente no Sermão da Montanha que pressupõe e radicaliza o decálogo: “Ouvistes o que foi dito... Eu, porém vos digo” (Mt 5,17-48).

Consequentemente qualquer culto a Deus que prejudique, faça sofrer, ou ignore o ser humano em necessidade não passa de um culto não querido por Deus, como já haviam proclamado alguns profetas de Israel (Is 1,10-17; Os 4,1s; Jr 22,13-16). O mesmo também afirmou Jesus: a reconciliação com o próximo é condição para o autêntico culto a Deus (Mt 5,23), a tradição religiosa que prejudica o ser humano (Mc 7,11-13) ou impeça se fazer o bem aos outros (Mc 3,1-5), ou ainda que passe indiferente ao próximo que sofre (Lc 10,29-37), perde seu sentido, pois não é o que agrada a Deus. Para a fé cristã a preocupação de Deus com o ser humano é tal que Ele chega mesmo a se identificar com este último: “a mim o fizeste...” (Mt 25,40).

Portanto o caminho mais verdadeiro para nos dirigirmos a Deus necessariamente passa por nosso próximo e, portanto, a caridade vivida vem a ser o critério último de nosso amor a Deus, como enfatiza Paulo (1Cor 13,1-3) e João (1Jo 4,20). Toda a grande riqueza de doutrinas, devoções, práticas, espiritualidades, sacramentos, instituições, que encontramos no cristianismo são apenas meios para vivermos a caridade. Não nos detenhamos nos meios, mas busquemos o fim, como já ensinava Santo Agostinho. A pandemia pode nos ter privado de alguns meios, mas importante mesmo é manter acesa a chama do amor fraterno.

Depois de vimos até aqui podemos facilmente compreender a importância da parábola deste domingo. Deus nos perdoa, mas como Ele se identifica com nosso irmão mais

necessitado, é importante que também nós possamos igualmente perdoá-lo. Nossa comportamento com o semelhante condiciona sempre nosso comportamento com Deus.

A outra lição desta parábola é que saber perdoar é condição imprescindível para uma sadia e pacífica convivência humana. Pois não somos anjos, somos limitados, frágeis, condicionados, incoerentes. Portanto, o saber perdoar e acolher o perdão deveriam ser uma característica própria da condição humana. Não vejo outro modo de sermos felizes, pois guardar rancor e sentimentos de vingança apenas prejudica quem os mantem em seu coração. O perdão, pelo contrário, nos liberta para vivermos com mais paz e alegria. Sejamos coerentes com o que rezamos na oração do Pai-Nosso: “perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam” (Mt 6,12).

MFM